

Conservar inclui mostrar

O abandono do acervo do MAB na Galeria Athos Bulcão certamente não é bom exemplo de conservação de obras de arte. Mas, felizmente, não é regra. A cidade tem pelo menos três outros acervos públicos de grande porte guardados em espaços adequados. São coleções assistidas por equipes preparadas para lidar com os detalhes exigidos na manutenção. O único problema: as obras ficam escondidas durante grande parte do ano. Só no acervo do Banco Central, são duas mil, entre pinturas, esculturas e gravuras. A Caixa Econômica Federal tem 400 telas. No Itamaraty, pinturas do século 19 dividem espaço com telas e esculturas de brasileiros modernistas.

No subsolo do edifício que serve de espaço cultural da Caixa, uma sala especial com controle de umidade e de temperatura é reservada ao acervo. O teto está devidamente equipado com trilhos pelos quais correm grades que abrigam as telas. A umidade é monitorada por equipamentos de controle, já que o clima seco de Brasília pode fazer molduras, tintas e telas “trabalhar”, isto é, a madeira racha, a pintura resseca e o tecido rasga. Matérias orgânicas como quaisquer outras, as estruturas dos quadros estão sujeitas às mudanças climáticas.

“É muito difícil conservar, o custo é alto”, diz a gerente do Conjunto Cultural da Caixa, Lourdes Ferreira. Um acervo, mesmo bem conservado, precisa ser mostrado. Pertença ou não a instituição pública. Segundo Lourdes,

quando a obra deixa a sala na qual fica armazenada tem a oportunidade de respirar. “Por isso fazemos exposições”, conta.

Neste momento, a Caixa tem 60 obras espalhadas pelo Brasil. Das 400, pelo menos 200 são assinadas por grandes nomes das artes plásticas brasileiras. Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Antonio Porteiro, Volpi e Guignard encabeçam a lista. Em abril, os brasilienses puderam apreciar a Coleção Brasília, com artistas locais e de outros estados. Durante o ano, parte do acervo fica exposto em mostras temáticas na própria galeria da Caixa. “Agora é *Independência*. Depois vêm os quadros com o tema *Natal* e no início do ano, *Carnaval*”, avisa Lourdes, que lembra ainda a restauração como parte do ato de conservar as obras.

Desgastes das molduras e sujeiras nas telas, considerados problemas comuns, viram catástrofes se ignorados. Um restaurador costuma cobrar 10% do valor da tela para reparar danos causados por fungos e outros descuidos. Higienizações periódicas — pequenos restauros — são mais que bem-vindas. “Só este ano gastamos R\$ 150 mil para manter a reserva técnica”, revela Lourdes.

O cuidado com o acervo levou o Banco Central a equipar duas salas para receber as obras. Gravuras e pinturas são acondicionadas em recintos diferentes. Integram mostras eventuais e viajam pelo país. A série de painéis sobre a descoberta do Brasil pintada por Portinari será objeto de atenção especial. “Conseguimos autorização para o restauro completo dos painéis”, garante Gisel Carriconde, funcionária da equipe responsável pela manutenção do acervo. Ela conta que o BC está interessado em ceder as obras para o MAB. Mas isso só acontecerá se o museu apresentar as condições de conservação adequadas. “A prioridade é repassar essas obras para a comunidade”, afirma Gisel. (N.M.)